



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

---

## **SAMBAÍBA: NEGROS EM COMUNIDADE – ALTO-SERTÃO DA BAHIA, SÉCULOS XIX E XX**

Tiago Alencar de Aquino Alves\*  
(UESB)

Grazielle de Lourdes Novato Ferreira\*\*  
(UESB)

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho objetiva compreender o povoamento da comunidade negra de Sambaíba<sup>61</sup>, supostamente remanescente de quilombo situada entre os municípios de Caetité, Igaporã e Riacho de Santana, no Auto-Sertão Baiano.<sup>62</sup> municípios originados por volta dos séculos XVII e XVIII, época de povoamento dos sertões baianos.

Este período marcado pela escravidão, contou com diversos movimentos de resistência em todo o Brasil, notadamente na Bahia. Dentre as várias formas de resistência escrava, podemos afirmar que fuga foi um dos principais mecanismos de protesto contra o sistema escravista. Corolariamente, o ajuntamento de escravos fugitivos em determinadas regiões, possibilitou a formação de quilombos e mocambos, tema demasiadamente estudado pela nossa historiografia, principalmente após o advento de novas correntes historiográficas, influentes em nossos dias, que propõem reflexões pontuais acerca do tratamento das fontes na pesquisa histórica. O estudo da

---

\* Pós-graduando do curso de Especialização em Educação, Cultura e Memória, pela UESB – Universidade do Sudoeste da Bahia. baiano\_iga@yahoo.com.br

\*\* Professora do Departamento de História da UESB. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em História da África e da América Negra

<sup>61</sup> Esta comunidade fica numa região de fronteira entre os municípios de Caetité, Igaporã e Riacho de Santana, mantendo relações político-sociais e econômicas com ambos os municípios.

<sup>62</sup> Área angulada pelos rios São Francisco e seu afluente Verde Grande, que atualmente constitui parte das regiões econômicas do Médio São Francisco, Serra geral e Chapada Diamantina. (NEVES, WWW. UFES. BR 18/07/06).



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

---

estruturação social de uma comunidade e do seu modo de vida, remete-nos aos novos desdobramentos da História, tais como a Nova História Social que concebe a história enquanto uma área privilegiada para os estudos da identidade, seja ela individual ou coletiva. A historiografia social propõe:[...] uma História-problema, viabilizada pela abertura da disciplina à temáticas e métodos das demais ciências humanas, num constante processo de alongamento de objetos e aperfeiçoamento metodológico. A interdisciplinaridade serviria [...] como base para a formulação de novos problemas, métodos e abordagens da pesquisa histórica [...] (MATTOS, 1997: 45-46)

A partir da Nova História, as práticas sociais e as multiplicidades do homem, passaram a ser campo de trabalho do historiador, colocando-o como agente modificador da história. Sendo relevante o estudo da História Regional e Local – já que estas manifestações ocorrem num determinado espaço ou região – que permite, através de suas metodologias, adentrarem nesses aspectos, compreendendo assim o ambiente comunitário e familiar.[...] consiste numa proposta de estudos de atividades de determinados grupos sociais historicamente constituídos, conectado numa base territorial com vínculos de afetividades, organização comunitária, práticas econômicas, identificando suas interações internas e articulações externas [...] (NEVES, 2002: 45)

A comunidade negra de Sambaíba apresenta particularidades que poderia associá-la à remanescente de quilombo, caso não levássemos em consideração aspectos históricos regionais que parecem explicar com maior segurança a formação dessa comunidade. Alguns indícios presentes em fontes diversas sugerem que a sua origem remonta ao século XIX, com o desmembramento da Fazenda Mocambo que pertenceu ao Tenente Vitorino Xavier do Rego, durante os anos de 1808 a 182963. Essa propriedade foi posteriormente partilhada juntamente com os demais bens da família pela sua viúva Maria de Souza da Costa e pelo seu filho Manoel Francisco Xavier do Rego.

---

<sup>63</sup> Cf. Neves (2004, p. 390).



---

Novas noções para a compreensão de quilombo aproximam-se da perspectiva assinalada neste projeto:

[...] se não necessariamente descendentes de antigos acampamentos de escravos fugidos, de onde afinal surgiram os novos quilombos? Como os mais críticos tendem a ressaltar, eles têm claramente uma origem recente nas demandas por garantias de direitos à posse coletiva de terras, [...]. Por outro lado há claramente também uma origem remota, fortemente ancorada na formação do campesinato constituído pelos escravos libertos e seus descendentes no contexto da desagregação da escravidão e de sua abolição no Brasil, que permite tais grupos reivindicarem-se como comunidades tradicionais e como quilombolas. (MATTOS, 2005-2006:107 – grifos meus)

Estudos regionais dedicados ao tema da escravidão sugerem que, às vésperas da abolição, parcela mais abastada dos senhores do Alto Sertão Baiano, conseguiram manter certa estabilidade dos seus plantéis, apesar do tráfico interprovincial das décadas de 1870-1880,<sup>64</sup> utilizando para tanto, muitas vezes, a doação ou o usufruto de terras<sup>65</sup>

Essas referências, juntamente com depoimentos dos moradores são sugestivas de que a comunidade de Sambaíba resultou da fragmentação de grande propriedade fundiária do sertão (Fazenda Mocambo). Vejamos:[...] aqui, quando começou, do meu avô pra cá, que isso aqui chamava fazenda do Mocambo, essa família que tinha aqui, os primero que tinha aqui chamava a família Rego. [...] Agora foi dividido e os morador que foi chegando, foi comprando, o meu avô mesmo, comprou dessa parte dessa terra [...] isso aqui era município de Caetité, chamava a fazenda do Mocambo, ela pegava ali perto de Igaporã, onde é adiante tem um coqueiro da bahia ali na Passagem, chamada [...]66

---

<sup>64</sup> Cf. Pires (2005, p.1-2).

<sup>65</sup> O trabalho em pequenas faixas de terras, cedidas pelos senhores para cultivo de seus escravos em dias de *liberdade*, foi comum durante a escravidão. Esse mecanismo garantia ao escravo, por um lado, amealhar condições para a sua sobrevivência e, por outro, servia-lhe para constituição de pecúlio que mais tarde poderia ser empregados na compra de suas manumissões ou de seus familiares. (PIRES, 2004, p.02).

<sup>66</sup> Depoimento do Sr. José Pedro da Silva (Zé de Lourenço), 67 anos, morador da comunidade de Sambaíba. Data: 13.07.06.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

---

Assinalam em seus depoimentos aspectos significativos da vivência coletiva, com referências às suas tradições de uma descendência egressa do cativo: [...] falava desses negócio do cativo que, mas, a gente já esqueceu que tinha um negócio de samba deles também que eles falava, desde os premero, mas eu não arcansei [...] eu ainda lembro de uma batucada do véi, dum negro que é pai, avô de Joaquim, quando eles...mas não foi dos cativos, mas eles ainda, sambava, ainda, eles tinha um negócio de samba[...] assim eles cantava [...] jurema preta, jatobá, imbigada batida não faz má [...] aí uma veia dava imbigada ali umas nos outros, isso eu ainda arcansei eles nessa vadiação, sabe? [...] fazia o latadão assim, ó, e agora o bumba comia ai tudo e enchia de gente, moço[...] aí virava a noite. Tudo sambano aí, agora tirava esses batuque e deixava as muié sapatia, jogava pro outro ali, agora o outro caía dentro, jogava pro outro, sambava a noite inteirinha[...].<sup>67</sup> (grifos meus)

Os encontros festivos e o trabalho foram referidos em vários depoimentos. Menções significativas para se compreender o universo da descendência dos moradores de Sambaíba, bem como de suas preocupações com a “dignidade do trabalho”:[...] o terreiro de samba deles, aqui num lugar, aqui por nome Cruzeiro do Mocambo, era o lugar deles sambar, né? Então os que trabalhava, o serviço era tão pesado, mas eles não arredava [...] ainda pulava a janela afora e ia pra Igaporã, ele voltava quando era manhã, cinco horas, que o patrão chegava: - Ê negada! Eles: - Pronto patrão!<sup>68</sup> (grifos meus)

Referências aos castigos dispensados aos negros, revestidas pela memória também foram expressos: [...] então meu avô dizia assim: que conforme o que eles fizesse, pnhava em cima da mesa um punhado de sal em pedra ou caroço de mi e mandava

---

<sup>67</sup> Depoimento do Sr. José Francisco de Oliveira, 66 anos, morador da comunidade de Sambaíba. Data: 23.05.06.

<sup>68</sup> Depoimento do Sr. José Pedro da Silva (Zé de Lourenço), 67 anos, morador da comunidade de Sambaíba. Data: 13.07.06.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

---

ponhá a mão em cima desse caroço de mi e descia a palmatória assim com toda a força, que sangue espirrava da cabeça dos dedo [...]69

Outras indicações podem ser acompanhadas através das entrevistas que revelam uma comunidade voltada para a agricultura familiar, com cultivo de gêneros de subsistência (mandioca, feijão e milho), pequena criação e o fabrico artesanal da farinha de mandioca.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Breno. Quilombos: sematologia face às novas Identidades. In.: Frechal Terra de Preto: Quilombo reconhecido como reserva extrativista. São Luis: SMDDH/CCN-PVN, 1996.
- ANDRADE, T.(org.) Quilombos em São Paulo: tradição, direitos e lutas. São Paulo: IMESP, 1997.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo (org.) Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARVALHO, José Jorge de (org.). Quilombo do Rio das Rãs. Salvador: Editora de UFBA, 1996.
- FILHO, Lycurgo Santos. Uma Comunidade Rural do Brasil Antigo (Aspectos da Vida Patriarcal no Sertão da Bahia nos séculos XVIII e XIX. São Paulo. Companhia Editorial Nacional, 1956.
- GOMES, Flavio dos Santos. Experiências Atlânticas: ensaio e pesquisa sobre a escravidão e pós-emancipação no Brasil. Passo fundo: universidade de Passo Fumdo, 2003.
- \_\_\_\_\_. Palmares: Escravidão e Liberdade no Atlântico Sul. São Paulo: contexto, 2005.
- \_\_\_\_\_. A Hidra e os Pântanos - Mocambos, Quilombos e Comunidade de Fugitivos no Brasil (séculos XVII-XIX), São Paulo Contexto, 2006.
- \_\_\_\_\_. História de Quilombolas: Mocambos e comunidades de Senzalas no Rio de Janeiro – século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.
- MATTOS, Hebe. “Remanescente das Comunidades dos Quilombos”: Memória do Cativo e política de Reparação no Brasil. São Paulo: Revista da USP, nº68, p. 104-111. Dezembro / Fevereiro 2005-2006.

---

<sup>69</sup> Depoimento do Sr. José Pedro da Silva (Zé de Lourenço), 67 anos, morador da comunidade de Sambaíba. Data: 13.07.06.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

---

NEVES, Erivaldo Fagundes. Uma Comunidade Sertaneja: Da Sesmaria ao Minifúndio (um estudo de história regional e local). Salvador: editora da UFBA e UEFS, 1998.

\_\_\_\_\_. História Regional e Local: Fragmentação e recomposição da História na Crise da Modernidade. Feira de Santana: UEFS; Salvador: Arcádia, 2002.

PIRES, Maria de Fátima Novais. O Crime na Cor: Escravos e Forros no Alto Sertão da Bahia (1830-1888). São Paulo: Annablume / FAPESP, 2003.

REIS, João José & GOMES, Flavio dos Santos (org.). Liberdade por um Fio. São Paulo: Cia das letras, 1996.

REIS, João José & SILVA, Eduardo. Negociação e Conflito: a Resistência Negra no Brasil Escravista. São Paulo: Cia da letras, 2003.

KHOURY, Yara Aun. Muitas Memórias, Outras Histórias: Cultura e o Sujeito na História. São Paulo: Olho d'água, 2004.